

A INTELLECTUAL (APAIXONADA) VAI AO SERTÃO: (re) imaginando comunidades a partir d'O Quinze

THE PASSIONATE INTELLECTUAL GOES TO THE WILDERNESS: imaginary communities from the Quinze

Plauto Daniel Santos Alves¹ - FECLESC/UECE

RESUMO

Esse artigo se volta às características da espacialidade nordestina atribuídas pelos textos que compuseram o 'Romance de 30'. Dentro da amplitude composta por essas ficções, o objeto delimitado se restringe ao livro O Quinze (Rachel de Queiroz - 1930), a fim de discutir como se operam, em meio às regras de seu universo, os encontros entre o 'rural' e o 'urbano', entre analfabetos e intelectuais. Para tanto, as reflexões se direcionam às afinidades, paixões e laços de sangue presentes na narrativa. A partir dessa leitura, problematiza-se certa percepção que resume o enredo da obra ao mundo rural, abrevia o lugar dos personagens letrados e reduz elementos formais a uma 'escrita objetiva'. Dessa forma, se elabora um quadro complexo do papel desempenhado pelas publicações do 'Romance de 30' no processo de 'imaginação' do Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades Imaginadas; Nordeste; Romance de 1930; Rachel de Queiroz.

ABSTRACT

This article focuses on the characteristics of the Brazilian Northeastern spatiality attributed by the texts that composed the 'Romance de 30'. Within the scope of these fictions, the delimited object is restricted to the book O Quinze (Rachel de Queiroz - 1930), in order to discuss the encounters between the "rural" and the "urban", between illiterates and intellectuals. Therefore, the reflections are directed to the affinities, passions and blood ties present in the narrative. The goal of this reading, is problematize certain perception that summarizes the plot of the work to the rural world, abbreviates the place of literate characters and reduces formal elements to an 'objective writing'. In this way, is elaborated a complex picture of the role played by the publications of the 'Romance de 30' in the process of 'imagination' in the Brazilian Northeast.

KEYWORDS: Imaginary Communities; Brazilian Northeastern spatiality; Romance de 30; Rachel de Queiroz.

DOI: 10.21920/recei72021723790804
<http://dx.doi.org/10.21920/recei72021723790804>

¹Mestre em História pela UNESP. Graduado em História pela UFC. Professor do curso de História da FECLESC/UECE e da SEDUC-CE. E-mail: plautvos775@hotmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2953-8819>.

*Nordeste é uma ficção!
Nordeste nunca houve!
Não!
Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados
Não sou do sertão dos ofendidos
Você sabe bem:
Conheço o meu lugar!
Belchior*

INTRODUÇÃO

Na composição de Belchior o Nordeste emerge como matéria esquiva. Perpassada por visões contraditórias, a região ora aparenta fugir às caracterizações mais corriqueiras, ora parece se definir justamente pelos comportamentos excludentes e preconceituosos resguardados àqueles que de lá advém. Entre uma existência reduzida ao 'meramente' ficcional e uma presença (possivelmente) irônica cujas marcas se tornam sensíveis em atitudes de discriminação, o Nordeste da canção, ou antes, o 'ser nordestino', não se deixa reduzir em lugares-comuns, nem se esvazia no jargão técnico/acadêmico. Ao fim e ao cabo, em meio a tantos sinais de exclamação e ao timbre desesperado do cantor, resta talvez, apenas a angústia relativa ao ato, sempre perigoso e incompleto, de tratar do 'outro'.

Inquietado pelas questões acima, esse trabalho busca contribuir de forma pontual para o debate referente à constituição da Região Nordeste. A fim de estabelecer alguma distância em relação aos clichês e fórmulas prontas que permeiam o assunto, optou-se por um enfoque que se pretende interdisciplinar na medida em que põe em diálogo o campo dos Estudos Literários e a disciplina da História. Assim, de forma homóloga à música que serve de epígrafe a esse texto, põe-se em destaque a relação intrínseca entre a ficção e a ideia de Nordeste. Adotando-se, contudo, uma abordagem que inverte a relação de explicação tradicional (meio-obra), uma vez que se questiona o que a literatura tem a 'nos dizer' sobre o espaço que referencia e produz.

Dito isso, esse artigo se volta às interpretações relativas à espacialidade nordestina que foram atribuídas pelos textos enfeixados através da expressão 'Romance de 30'. Com esse horizonte em mente, o objeto aqui delimitado se restringe especificamente ao livro *O Quinze* (1930) cuja autoria pertence à escritora Rachel de Queiroz. Tal escolha não é aleatória uma vez que, tradicionalmente enquadra-se seu enredo em um prisma regionalista que, parafraseando Belchior, somente diz respeito ao "lugar dos esquecidos" e à "nação (tão imaginária como outras quaisquer) dos condenados". Sob esse viés, discutido de modo mais detido no corpo do texto, a obra em questão se resume tão somente ao universo rural, os personagens letrados têm seu papel radicalmente abreviado e os elementos propriamente formais costumam ser reduzidos ao que se convencionou designar como uma 'escrita objetiva', 'seca'.

A fim de se distanciar desse gênero de leituras circunscrito ao "sertão dos ofendidos", esse trabalho encara *O Quinze* de forma a tentar compreender como se operam, em meio às regras de seu universo, os 'encontros' entre o 'rural' e o 'urbano', entre trabalhadores analfabetos e intelectuais egressos da elite local. Para tanto, as reflexões se voltam para o papel que as afinidades, as paixões e os laços de sangue, ou de camaradagem desempenham na narrativa. Pois, acredita-se que esses elementos podem ser contrastados a uma tradição literária latino-americana que, mesmo que indiretamente, contribuiu através dos enlaces amorosos presentes em seus

textos para o processo mais geral e abrangente de ‘imaginação das comunidades’ nacionais visto que, por meio da alusão a tais relacionamentos superaram-se, pelo menos a nível metafórico, diferenças regionais, socioeconômicas e culturais (SOMMER, 2004).

DEBATE CRÍTICO-HISTORIOGRÁFICO

A literatura especializada na constituição dos espaços estabeleceu o livro *A Invenção do Nordeste e outras artes* (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011), como um de seus expoentes mais expressivos. O argumento central dessa obra é que a região em questão “não é um fato inerte na natureza”, mas o resultado da pressão de um conjunto de narrativas e argumentos cuja ação constrói “uma totalidade político-cultural” assentada no sentimento de saudade e na noção de tradição (ALBUQUERQUE JUNIOR, Op. cit. p. 79). Diversos agentes são apontados como elementos significativos nesse processo que o historiador, Durval Muniz, retrata como uma “reação à sensação de perda de espaços econômicos e políticos”. Dentre os quais, constariam tanto “produtores tradicionais de açúcar e algodão”, como também “comerciantes e intelectuais a eles ligados” (ALBUQUERQUE JUNIOR, Op. cit. p. 80).

No que concerne aos objetivos deste artigo, cabe destacar principalmente a participação dos estratos letrados, encarados como responsáveis pela produção de “uma série de práticas discursivas que vão afirmando uma sensibilidade e produzindo um conjunto de saberes de marcado caráter regional”. Pois, é por meio desse prisma que o ‘Romance de 30’ é, então, assimilado a um conjunto de escritores, memorialistas, jornalistas, pintores, artistas e estudiosos de áreas diversas cujas obras produziram referências e modelos de percepção que colaboraram para inventar certa percepção do Nordeste (ALBUQUERQUE JUNIOR, Op. cit. p. 88).

Dito isso, embora seu trabalho tenha estabelecido bases importantes para a compreensão dos espaços constituintes do Brasil contemporâneo, é preciso assinalar as ambiguidades e contradições referentes à noção de ‘Romance de 30’ adotada por Durval Muniz. Assim, é sintomático que não haja uma definição estrita para a coleção de narrativas geralmente aludidas por meio do termo supracitado, uma vez que, quando enseja caracterizá-lo, o autor recorre a metáforas que o configuram, vagamente, como um “maquinário literário”, uma “máquina de rememoração”, “de destruição, de ascensão à consciência de um tempo perdido” (ALBUQUERQUE JUNIOR, Op. cit. p. 95).

Ademais, conforme apontado pela crítica literária Lygia Chiappini (IN: CHIAPPINI & BRESCIANI, 2002, p. 163), sua abordagem se encontra demasiado marcada pelo conceito de regionalismo e pela atuação do sociólogo Gilberto Freyre, visão que corrobora com uma série de generalizações cujos contornos, ainda que sejam adequados de forma independente e particular para determinados autores ou obras, não podem ser correlacionados à totalidade das ficções assinaladas. Isto não implica que o itinerário adotado em *A Invenção do Nordeste* não destaque a pluralidade de elementos aglutinados por meio da alusão à noção de ‘Romance de 30’. Em certo trecho (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011 p. 124) salienta-se, inclusive, que a associação desse grupo de obras a uma estética regionalista é, antes de tudo, resultado de um discurso veiculado por parte da crítica literária que fora, em alguma medida, aceito pelos escritores como uma forma de conquistar posições no campo intelectual.

Não obstante, no texto de Durval Muniz subsistem inferências relativas ao ‘Romance de 30’ cuja abrangência se mostra problemática, visto que, no tocante às ficções sob questão, ora postulam uma constante presença da “seca e do deserto”, ora articulam uma visão do Nordeste em que este “é sempre tematizado como uma região rural, onde as cidades aparecem como

símbolos da decadência, do pecado, do desvirtuamento da pureza e da inocência camponesas”. Ainda de acordo com Albuquerque, o trabalho literário em torno das memórias, sobretudo as de infância, evocaria uma espécie de resgate de relações tradicionais e populares sob ameaça, em um mundo perpassado por tendências modernizantes. Nesse sentido, “estes romances querem garantir a continuidade do que foi narrado”, buscando reproduzir um “mundo desentranhado e suspenso na memória: o mundo regional” (Op. cit. p. 138, 132, 95).

Além disso, os personagens atuantes nessas narrativas são encarados, pelo historiador, como seres “exemplares que devem promover a própria identificação do leitor com seus comportamentos, valores, formas de pensar”, revelando, desse modo, “uma essência do ser regional ou de lugares sociais bem definidos”. Por fim, em *A Invenção do Nordeste* as diferentes técnicas utilizadas na composição dos livros do 'Romance de 30' são agregadas a partir da menção a certa tendência ao realismo, concebido pelo autor como “tentativa de fazer a linguagem voltar a ser expressão do real, em que tudo parecesse visível e de onde emanasse um sentido de imediato” (ALBUQUERQUE JUNIOR, Op. cit. p. 128 e 131).

Como exposto, por diversas vezes as opiniões de Durval Muniz (2011) em torno do 'Romance de 30' se mostram monotemáticas. Essa posição, no geral restrita à ideia de regionalismo, vai de encontro a tendências radicadas entre os Estudos Literários cuja busca principal é, justamente, extrapolar a percepção hegemônica em torno desses textos (BOSI, 2015). Ainda muito reproduzidas em manuais escolares e no senso comum, essas visões dominantes edificaram suas bases a partir de uma assimilação automática entre o regionalismo e o 'Romance de 30' (CAMARGO In WERKEMA, 2012, p. 16). A questão aqui, é que a relação entre esses termos tem, ela também, uma história perpassada por contradições e esquecimentos que, por sua vez, tanto levaram ao limbo alguns (bons) escritores, como promoveram a seleção e a desvalorização de aspectos constitutivos das obras consagradas pelo cânone literário brasileiro.

Como se vem argumentando até aqui, esse processo de segregação característico ao campo literário também estabeleceu um discurso unívoco em torno do papel desempenhado pelos 'escritores de 30' na imaginação do espaço nordestino. O próximo tópico tenta delinear alguns aspectos presentes em sua diversidade, bem como elenca algumas explicações que podem ajudar a formar um mosaico mais plural das atividades dos intelectuais em questão.

ROMANCE DE 30 E (RE) INVENÇÃO DO NORDESTE

Uma vez que se assume que a totalidade do 'Romance de 30' não pode ser assimilada à noção de regionalismo, caberia indagar o papel dessas ficções no amplo processo de 'invenção do Nordeste'. Nesse sentido, ainda que não se tenha segurança para construir um quadro exaustivo, é possível demarcar algumas linhas gerais que confluíram para sua composição. De partida, há que se salientar a inquietação política vivenciada na primeira parte do século XX. Marcados por um sentimento de desorientação ideológica, os intelectuais então vivenciavam a emergência de uma série de projetos políticos e sociais disponíveis aos letrados que se arriscavam na vida pública (PÉCAUT, 1990).

Essa situação logo deu lugar a um quadro de polarização que, supostamente, distanciava os objetivos e métodos empregados por esses escritores. Não obstante, esses sujeitos traziam de comum entre si, o fato de se identificarem como uma espécie de elite cultural, fator que os inclinou à preocupação quanto às formas de inserção do 'outro'. Tal inquietação, presente em ambos os pólos do campo literário, marcou tanto escritores conservadores, como aqueles ligados ao espectro político de esquerda, de modo que ambos os lados parecem efetivamente ter se

posicionado em prol de busca homóloga. Fato que suscita a emergência de uma multidão de sujeitos excluídos (iletrados, trabalhadores braçais, crianças em situação de rua, mulheres, flagelados, presidiários etc.) que figuram com destaque nas páginas dos romances (CAMARGO, 2006).

Paralelamente a isso, cabe atentar para a vasta presença de tipos letrados ou intelectualizados nos textos do 'Romance de 1930', uma característica nem sempre evocada que evidencia as dificuldades suscitadas pela opção por narradores totalmente analfabetos. Dito de forma clara é “como se fosse impossível a esse elemento não letrado ou de letramento precário assumir o papel de narrador” (CAMARGO In: WERKEMA, 2012, p. 26). O intelectual, ou mais simplesmente, a figura alfabetizada, emerge nesse tipo de situação, para suprir uma falta, ou melhor, para garantir a narratividade da história, incontável nos moldes dos tipos ignaros.

Nesse contexto, sentimentos de desilusão passam a marcar a concepção que se tem da experiência letrada. Curiosamente, em meio a um “tempo de lutas políticas, de grandes reflexões sobre o Brasil, de aguda consciência a respeito do papel dos intelectuais na sociedade”, abundam percepções negativas da inteligência nacional, imagens de “criaturas desfibradas, sem força, incompetentes para viver”. Como afirmou Mário de Andrade, na *elegia de Abril*, noções de “inferioridade” e uma verdadeira obsessão pelo fracasso se abatem sobre os escritores do romance de 30 (MARQUES, 2015, p. 56 e 59).

Pelo menos em parte, essa angústia pode ser atribuída ao fato de que uma fração, significativa, do contingente que se ensejava alcançar com esses romances era composto por analfabetos, os quais, sequer dispunham de condições para adquirir ou apreciar o sentido das obras literárias. Como bem disse Eduardo de Assis Duarte, uma “dupla marca” distingue a literatura desse período, de um lado “um texto preocupado em fazer do povo o principal personagem”, de outro, o desejo de “ganhá-lo como leitor” (DUARTE, 1996, p. 35).

As raízes desse quadro complexo, situado no cruzamento entre a História dos intelectuais brasileiros e uma História dos sentimentos e sensibilidades letradas, ainda estão por serem investigadas com mais detalhe. De todo modo, é certo que, ao se estabelecerem como os responsáveis pela imaginação da identidade do outro, daqueles que só tem voz e vez enquanto imagem distorcida, um sentimento de fracasso, uma espécie de insatisfação consigo que é específica dos intelectuais e que decorre do compromisso de apontar as incoerências da realidade através de si, ou melhor, através do “horror” (WALTY In CHIAPPINI, 2002) que sua condição inspira, se instala entre os escritores da década.

A esse respeito, o crítico literário Luís Bueno Camargo (In WERKEMA, 2012, p. 21) aponta este tópico como o problema central do 'Romance de 30'. De modo taxativo, o autor assinala que seria necessário rever com bastante cuidado a ideia de uma distinção categórica entre um núcleo de escritores “engajados”, definidos pela pecha de regionalistas, e outro composto pelos “não-alinhados”, os quais cultivavam tendência mais intimista em suas obras. Pois, existiria um “embaralhamento” entre as fórmulas narrativas desses dois núcleos, “encontros não necessariamente previsíveis” que acabam criando uma estética em comum.

Assim, muito embora seja possível encontrar elementos específicos “em uma série de escritores” da tendência dita regionalista, como, por exemplo, “esse narrador objetivo em terceira pessoa” que media “explicitamente a relação dos personagens com o leitor” sem sequer se incomodar em expressar o “mecanismo do pensamento das criaturas” (In WERKEMA, 2012, p. 27), isso não é válido para todos os casos e se apresenta pouco legítimo até mesmo para marcos e nomes famosos dentro do movimento, como Vidas Secas de Graciliano Ramos (ironicamente seu único livro escrito em terceira pessoa) e a obra da escritora Rachel de Queiroz, sobre quem o autor construiu comentário bastante pertinente:

É engraçado, por exemplo, como nos acostumamos a pensar na escritora de O quinze como uma escritora regionalista levando em conta apenas seu romance de estreia - e nem este é somente romance regionalista, diga-se. Embora sempre tocando em temas que poderiam ser chamados de sociais, seus romances seguintes são mais psicológicos do que qualquer outra coisa, a ponto de um crítico que procurou estudar o regionalismo como tendência geral das letras brasileiras afirmar: “a conclusão que se pode facilmente chegar é que qualquer rótulo generalizante aplicado à ficção de Rachel de Queiroz, do tipo romancista regionalista, ou mesmo romancista social, constitui um simplismo e uma inexatidão (CAMARGO, 2006, p. 56).

Como se vem argumentando, a despeito dessas afinidades a recepção crítica tendeu a encaixar a obra de escritores progressistas em contornos sociais, ou regionalistas, resguardando aos de direita, o verniz de psicologizantes. Em meio a essa dualidade e por razões que não cabe explorar nesse espaço restrito, os primeiros terminaram se estabelecendo como representativos de todo o 'Romance de 30' (CAMARGO, 2003). É pertinente destacar essas questões uma vez que colaboram para problematizar a visão corrente que se tem do conjunto de textos em questão, geralmente abordados através de um prisma focado apenas em elementos rurais, relacionados à seca e seus flagelados.

Isto não significa que essas obras não tenham, à sua maneira, colaborado para o processo que Durval Muniz chamou de invenção do Nordeste. O que se enseja frisar, na realidade, é a diversidade de itinerários inerentes a essa história. De certo modo, trata-se ainda de uma problemática que se estabelece principalmente em relação a um 'lugar', embora não tenha tanto em vista um 'local' propriamente dito, pois, mais que o estabelecimento das coordenadas de um sítio, ou seja, a “localização” de um espaço, o que se enseja é a caracterização de um universo “que coloca em jogo suas próprias regras” e que está dotado de um “lado de dentro” - uma determinada experiência, modos de ver o mundo e mecanismos de identidade - e um “lado de fora” - uma relação com a alteridade (BARROS, 2017, p. 170).

ALÉM DO SERTÃO DOS OFENDIDOS: amores irrealizados

De acordo com a crítica literária Doris Sommer, o período imediatamente posterior às independências vivenciou a disseminação de uma tradição narrativa latino-americana que gozou de amplo prestígio junto aos governos recém-instituídos. Trata-se de romances que paulatinamente se inseriram nos currículos escolares como “leituras cívicas obrigatórias”. Baseadas, sobretudo em casos amorosos e/ou relações de atração sexual, tais ficções colaboraram para a 'reconciliação' dos diversos estratos viventes nos países da América Latina, os quais atravessaram guerras de libertação contra as metrópoles europeias. Nesse passo, a “metáfora do casamento sutilmente passava a ser uma metonímia da consolidação nacional”, uma vez que nos universos desses textos os enlaces de personagens apaixonados “superavam diferenças regionais, econômicas e partidárias” (SOMMER, 2004 p. 47 e 37).

No que concerne à experiência brasileira, a autora se detém especificamente sobre a produção de José de Alencar. Atentando-se ao fato de que a obra do escritor, “é uma coleção de livros de fundação heterogêneos demais para serem vistos em conjunto”, Sommer se detém em dois de seus romances mais proeminentes, *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865). De acordo com a pesquisadora, ambos os livros compuseram tentativas de “fazer do passado ameríndio uma

fundação para o futuro do Brasil”, de modo que se tornasse possível, por meio de tais origens, demarcar alguma autonomia cultural frente à antiga metrópole. Esse projeto não é visualizado como uma empreitada solitária, mas é posto em consonância com o de outros nomes ‘ilustres’ que também elaboraram duradouros mitos nacionais, tais como Gilberto Freyre e o historiador Carl Philipp von Martius (SOMMER, 2004 p. 168 e 172).

Com efeito, o contexto posterior de publicação d’*O Quinze* certamente desencoraja sua inserção mecânica no quadro analisado por Sommer. Desse modo, não se trata de encarar o primeiro livro de Rachel de Queiroz como uma espécie de mito de re-fundação nacional tardio, mas de reconhecer que seu status pedagógico lhe propiciou uma ampla difusão e, de interpretá-lo a partir de um diálogo bastante plausível com elementos narrativos há muito difusos na cultura letrada brasileira. Tal procedimento conta, a seu favor, com o fato de que direciona o olhar do investigador para espaços e para oportunidades de contato entre sujeitos e lugares diversos daqueles abarcados pelas leituras voltadas ao “lugar dos ofendidos”.

Dito isso, cabe ainda acrescentar que, dado que a geração dos anos 30 está em franca ruptura com o modelo narrativo do séc. XIX, não se pode esperar semelhanças tipológicas com os elementos textuais analisados por Sommer. Na verdade, é necessário ampliar a chave de compreensão proposta pela crítica literária para além dos relacionamentos sexuais, amorosos ou conjugais, de maneira a fazer emergir uma gama de situações que promovem o intercâmbio entre grupos distintos, visto que, provavelmente, foi a partir delas que se elaborou um imaginário dos integrantes da comunidade sertaneja.

Assim, uma vez que, seja na ficção ou, seja na vida nem tudo é amor, esses contatos entre os ‘de dentro’ e os ‘de fora’, entre os que estão alinhados (e são beneficiados) por determinadas convenções e aqueles que rompem, ou são excluídos por elas, certamente não estão isentos de conflitos. O que leva a outro ponto importante para a investigação em questão: as formas de resolução das tensões presentes na narrativa. Afinal, os desfechos do enredo (nem sempre definitivos e quase nunca positivos) acabam funcionando como sugestões de conciliação para as contradições que perpassam a realidade social, elaborando desse modo, uma retórica em torno das formas de conviver e das solidariedades horizontais ativas entre integrantes que se imaginam partícipes de um grupo comum.

Assim, munido de tais referências caberia iniciar esclarecendo a visão que se tem da estrutura do romance, aqui visualizado como uma alteração entre pequenos capítulos em que, ora se conta a saga de Chico Bento, um trabalhador rural expulso pela estiagem juntamente com sua família, ora a de Conceição, uma jovem normalista que nutre paixão não correspondida por seu primo, Vicente, um tosco vaqueiro que um dia herdará os bens e as terras de sua família. Sobre esse pano de fundo, a autora constrói respostas bastante consistentes aos problemas de sua geração, estabelecendo um diálogo crítico com as formas de perceber a intercessão entre os letrados e os iletrados, os pobres e os ricos, os miseráveis e a elite dominante.

Dilemas que se mostram presentes desde as primeiras páginas do volume como, por exemplo, durante a construção da personagem Conceição que é apresentada tateando sua estante de livros, uma típica distinção do universo dos alfabetizados. Nessa passagem, além de referências socialistas, diversos autores estrangeiros são citados, formando uma imagem cosmopolita das leituras da moça cujas tintas contrastam com a vivência no sertão do Quixadá, ao lado da avó e de pressões e preconceitos provincianos comuns à região:

[...] Conceição tinha vinte e dois annos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro, tinham-se ido com os dezoito annos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão... Ou, voltando-se condescendente:

– Esta menina tem umas idéas!

Teria razão a avó? Porque, de facto, Conceição tinha umas idéas...

Escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar Nordau ou Renan...

Chegára até a se arriscar em leituras socialistas; e justamente dessas leituras é que lhe saíam as peores das taes idéas, estranhas e absurdas á avó...

Acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso idéas e preconceitos que próprios, às vezes largos, às vezes ousados, que peccavam principalmente pela excessiva marca de casa... (QUEIROZ, 1932 p. 12-15).

Na narrativa d'*O Quinze*, a busca geracional dos 'escritores de 30' pela percepção do 'outro' ganha contornos em que (quase) ninguém aparenta estar plenamente ambientado, ou sequer confortável com sua posição. Abre-se o livro e se tem a imagem de uma "intelectual de província" (MARTINEZ, 2013) fadada ao magistério primário, carreira considerada como "uma profissão inferior, destinada a mulheres de poucos recursos" (BARBOSA, 1999 p. 21). Ademais, de soslaio se entrevê, por meio da avó da moça, uma elite social de pouca leitura e poucos preconceitos. Nesse jogo de exposição das inquietudes, falhas morais e frustrações, o 'dentro' e o 'fora' se misturam, 'opostos' acabam se encarando e formando um conjunto de micro-porosidades que possibilita trocas, aproximações e o estabelecimento de afinidades, mesmo que sempre desiguais.

Em conluio com a negatividade intelectual que é característica ao 'Romance de 30', tais intercâmbios também põem em contraste a trajetória de Vicente e de Paulo. O primeiro se via, desde os quinze anos de idade, preso em uma rotina laboral "de sol a sol, sem descanso e quase sem recompensa", o segundo, o irmão cuja sorte e temperamento levaram aos estudos, gozava da vida urbana, boemia e bacharelesca, voltada para "festas, para sabe lá que bambochatas de estudantes disfarçadas em livros e matrículas" (QUEIROZ, 1932 p. 63). Em certa medida, *O Quinze* se encontra bastante marcado por esse tipo de situação que pode ser contraposta, de forma frontal, às visões monotemáticas do romance:

[...] Então, porque não quisera estudar estaria eternamente obrigado a esse papel paciente e sofredor que agora o revoltava?

Onde ficava afinal o mérito do Paulo que o colocava tão alto no conceito da família, que punha sobre o bigode branco do major um sorriso desvanecido, quando dizia numa conversa:

- O meu filho, o doutor...

Seria por suportar com mais paciência a maçada das aulas onde um velho pedante disserta, por se enrascar com inexplicável interesse em leituras difíceis, que só de recordá-las sentia calafrios de preguiça e de tédio? E o seu esforço constante, sua energia, sua saúde e sua alma que nunca suportou a servidão a uma disciplina ou a um professor, que não admitia que o mandassem agir e que o mandassem pensar... não valeriam muito mais que um interesse estéril de juristas por abstrações, ou o quase culto do servilismo em que o Paulo se comprazia, quando estudante, servilismo de aluno pelo mestre depois de formado, o mestre fora substituído pelo juiz, de quem suportava as anedotas e a carranca, de quem comia os jantares, a quem namorava a filha, visando apenas promoção[...] (QUEIROZ, 1932 p. 64-65).

Como se vê, a discreta aproximação, antes assegurada pela porosidade social da narrativa, encontra limites marcantes na indignação com que Vicente encara a experiência acadêmica de Paulo. Nesse trecho, em lugar de afinidades, de um providencial "casamento" entre contrários, o que se percebe é a polarização: servilismo *versus* altivez; preguiça *versus* diligência; acadêmico *versus* trabalhador braçal; rural *versus* urbano. Caberia lembrar, a despeito disso tudo, que se tratam de relações fraternais, oposições cuja conciliação está garantida de antemão por elos de sangue, semelhantes inclusive, aos laços de primogenitura que unem Conceição e Vicente.

Tão perto e tão longe quanto, o incestuoso (quase) casal amoroso d' *O Quinze* jamais ultrapassa a linha dos flertes discretos e dos olhares de admiração, configurando, quando muito, um *crush* irrealizado, fantasia sexual e afetiva travada entre seres distintos (porém, literalmente aparentados), aproximados mais por idealizações românticas que pela convivência diária:

Só pouco a pouco foi verificando que a prima o fitava com grandes olhos de admiração e carinho; considerava-o, de certo, um ente novo e á parte; mas á parte por sua magnífica superioridade de varão forte, sciente de sua força, desdenhosamente ignorante das subtilezas em que se engalfinham os miseráveis de corpo e os bysantinos de espírito, amesquinados pelo intrigar, amarelecidos pelo tresler...

Foi-lhe grato por essa *sympathia*. Perdeu com ella a timidez receiosa que o entravava. E abriu-lhe seu coração de menino grande, ingenuo e forte, onde dormiam, concentradas, energias desconhecidas, forças primitivas e virgens...

Havia de ser bom e suave ter, por toda vida, aquella carinhosa intelligencia a acompanhá-lo...

E seduzia-o o sabor de novidade, o gosto de desconhecido que lhe traria a conquista de Conceição, sempre considerada superior no meio das outras, e que se destacava entre ellas como uma fita de seda num confuso montão de trapos de chita (QUEIROZ, 1932 p. 66).

Uma vez mais a narrativa apresenta visões negativas da experiência intelectual, insinuando até mesmo que o hábito de realizar leituras às avessas (o tresler) "amarelece" os homens de cultura, indivíduos cuja vivência refinada nas cidades destituiu de porte e garbo. Acrescente-se que, dessa vez, a crítica se faz em benefício de estereótipos da vida camponesa, dessas "forças primitivas e virgens" que cativam os olhos letrados (e românticos) de Conceição. Ancorada que está nessas percepções deturpadas, a paixão da moça só poderia contar com prazo de validade restrito, tanto que, em meio à sua desilusão em torno do sertanejo, torna-se possível compará-lo à estadia em "um desses recantos da matta" nos quais, após breve passagem "sae-se com o coração pesado, curado de bucolismo por muito tempo, palpando na realidade a agressiva inconstancia da rude natureza" (QUEIROZ, 1932 p. 65).

A esse respeito, a passagem que talvez se configure como o marco mais notável no processo de descontentamento amoroso vivenciado por Vicente e Conceição, pode ser encontrada no trecho em que a moça se põe a pensar na vida conjugal da avó. Comparando a anciã às "senhoras de alma azul", mencionadas por Machado de Assis como ideais "de boa mãe e de boa esposa" (BARBOSA, 1999 p. 38), a normalista se mostra em franco processo de ruptura com os preconceitos e as expectativas familiares que lhe são impostas. Nesse romance, portanto, não haverá casamento. Não apenas por incompatibilidade dos amantes (os quais nunca chegaram nem perto disso), mas, sobretudo, porque a pretensa noiva, cedo se desiludiu da ideia e, satisfeita, resolveu aceitar sua condição de solteirona.

Essas tomadas de decisão parecem estar interconectadas à dupla-adoção perpetrada por Conceição: adoção do afilhado que supre seu desejo de ser mãe; adoção de uma imagem de si

intelectualizada que termina por soterrar o *affair* com Vicente. De fato, é no ato de perceber que o acesso à literatura de Machado de Assis (da qual desfruta plenamente) constitui fator de diferenciação social que, então, a normalista dá-se conta das dificuldades inerentes a um relacionamento com o primo, alguém que, apesar das inegáveis competências físicas, “não preencheria a tremenda largura desse abysmo” cuja distância separava seus universos de experiência:

Foi então que se lembrou de que, provavelmente, Vicente nunca lia o Machado... nem nada do que ella lia... Elle dizia sempre que, de livros, só o da nota do gado...

Num relevo mais forte, tão forte quanto ella nunca sentira, foi-lhe apparecendo a disparidade que havia entre ambos, de gosto, de tendencias, de vida...

O seu pensamento, que até pouco se dirigia ao primo como a um fim natural e feliz, esbarrou nessa encruzilhada difficil e não soube ir adiante. [...] nas horas de tempestade, ou de abandono moral, onde iria buscar o seguro companheiro que entende e ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as idéas que vêm vindo, e comprehende e retruca aos paradoxos que a mente vagabunda vae criando?

Pensou no exquisito casal que seria o delles...

A' noite, nos serões, quando ella sublinhasse num livro querido um pensamento subtil e quizesse repartir com alguém a impressão recebida, a indifferença delle, a murmurar um "é" condescendente e distante, por detraz do jornal...

E sentiu entre ambos, profundo e desolante, o vacuo immenso de affinidades (QUEIROZ, 1932 p. 120).

É sintomático que seja por meio do recurso à intertextualidade que a narrativa d' *O Quinze* demarca o fim da atração de Conceição por Vicente. Em primeiro lugar, porque se trata de um índice relativamente seguro da importância que se atribuía à literatura como meio de transformação social. Em segundo lugar, porque assim, se expressam as dificuldades travadas, não apenas pelos personagens do romance, mas, sobretudo, na aplicação do projeto concebido pelos 'escritores de 30', uma vez que se contrapõe essa literatura para o 'outro' a uma literatura "de fora", ou seja, o cânone literário brasileiro.

Nessa etapa, talvez seja válido questionar quais elementos separam a trajetória de Conceição da vida de dândi experimentada por Paulo. Afinal, ela também manifesta os limites próprios de sua classe, somente buscando contato com o 'outro' por meio de um filtro asséptico, dócil e inofensivo. Um dos episódios em que tais preconceitos emergem de forma bastante aparente é aquele em que a professora primária se depara com uma flagelada que, outrora, vivera como agregada na fazenda de Vicente e, em meio ao desenrolar do encontro, acaba descobrindo facetas que até então ignorava na personalidade do vaqueiro:

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração.

A's vezes uma voz a atalhava:

– Dona uma esmolinha...

Ella tirava um tostão da bolsa e passava adeante, no seu passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do máo cheiro do acampamento.

Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente immunda, de latas velhas de trapos sujos!

[...] – Sim... Ah! E' a Chiquinha Bôa! Por aqui? Mas você não era moradora de seu Vicente? Saiu de lá?

- [...] só ficou seu Vicente [na fazenda]... [...]
– Imagino como a vida do pobre não é triste!
– Qual nada! Seu Vicente é pessoa muito divertida [...]. E até aquela filha do Zé Bernardo, só porque sempre elle passa lá e diz alguma palavrinha a ella, anda toda ancha, se fazendo de boa...
Conceição extranhou a historia, e não se poude conter:
– E elle tem alguma cousa com ella? [...]
– [...] Se tiver peor para Ella... Que moço branco não é para bico de cabra que nem nós...
A conversa principiou a incomodar Conceição; o máo cheiro do campo parecia mais intenso; e levantou-se dando uns nickéis á mulher. [...] E ella, que o supunha indifferente e distante, e imaginava que, para elle, todo o resto das mulheres se esbatia numa massa confusa e indesejada...
Que julgara ter sido ela quem lhe acordara a virgindade arisca e desdenhosa do coração!...
– Uma cabra, uma mulata qualquer, de cabelo pixaim e dente podre!...
(QUEIROZ, 1932 p. 85-89).

Note-se, logo no início da passagem, que o relacionamento com os 'de baixo' só é bem-vindo a partir de uma distância "higienicamente" segura, pois sentimentos de repulsa apressam os passos de Conceição que, numa atitude em que se misturam asco e comiseração, distribui esmolas para encurtar a estadia entre os flagelados. Ademais, apesar do esforço que despendeu a fim de desconstruir certos elementos presentes na ideologia em que fora educada, a personagem reproduz o discurso provinciano e racista, típico da elite local, que discrimina socialmente através de elementos do corpo (a cor da pele, o tipo de cabelo, a boa conservação da arcada dentária). Além disso, ao se mostrar indignada ante a possibilidade de uma relação sexual do primo com alguém de 'classe inferior', a moça ainda marca os limites da sua aproximação (ou, melhor seria, do seu casamento?) com o 'outro', dado que, se insistirmos um pouco nas metáforas sobre assepsia, poder-se-ia concluir que aos olhos dela, Vicente parece 'contaminado' pela sujeira e pela promiscuidade mencionadas no começo da cena.

Por fim, o episódio também é bastante ilustrativo das técnicas narrativas empregadas pela autora. De fato, nesse romance “o narrador partilha de toda a carga de paternalismo que emerge da forma como Conceição vê os retirantes” (CAMARGO In: WERKEMA Et.al. 2012, p. 28), de maneira que, em diversas passagens, os valores dos personagens se confundem com aqueles expressos pelo narrador. Esse fato é significativo, uma vez que expõe traços de subjetividade em narrativas realizadas a partir da 3ª pessoa, o que implica na presença de formas bem mais sofisticadas de contar histórias do que geralmente se atribui ao realismo da 'Geração de 30'.

O REALISMO, O NARRADOR E A JOVEM PROVINCIANA

Os escritores relacionados ao 'Romance de 30' edificaram um projeto estético de integração literária do “outro” cujos desdobramentos instigou, mesmo que à revelia, a imaginação das comunidades nordestinas. No caso do romance *O Quinze*, esse entrelaçamento parece ter se efetuado a partir de uma visão redutora das técnicas narrativas presentes no texto, as quais por diversas vezes, se imbricam com determinadas idealizações em torno da figura de Rachel de Queiroz. Com efeito, conforme a opinião de Luís Bueno Camargo, crítico literário já mencionado nesse artigo, toda a obra de Rachel de Queiroz carece de uma revisão que engloba

dois tópicos principais: "seu caráter realista e o problema que eles encerram no que diz respeito ao ponto de vista, ao lugar de onde falam os narradores desses romances" (CAMARGO, 1997, p. 31).

O primeiro ponto de discussão vai de encontro à percepção geral de parte da literatura especializada, a qual costuma enquadrar *O Quinze* em leituras voltadas para determinada objetividade, ou "cruza" descritiva, em uma prosa concisa, enxuta e, de forma metafórica, seca. É o caso, por exemplo, de algumas conclusões do crítico literário Sânzio de Azevedo que relacionam o romance à dita literatura das secas, ressaltando que "inúmeros trechos, conservados na segunda edição, de 1931, seriam modificados, ao que supomos a partir da terceira edição, de 1942, sempre no sentido de despojar cada vez mais o texto de elementos dispensáveis" (1985, p. 121).

Embora o trabalho em questão traga informações bastante fortuitas, seu argumento explica a elaboração d' *O Quinze* vinculando a narrativa a uma tendência regional (a dita literatura das secas) e minimizando as influências de caráter 'externo', ou antes 'nacional'. Nesse processo, Azevedo acaba acatando mitos em torno da figura de Rachel de Queiroz, a qual passa a ser concebida como uma "jovem provinciana de menos de 20 anos de idade" cujo ímpeto criador advém, basicamente, de sua experiência pessoal e "do farto manancial" composto pela "literatura realista de sua terra" (AZEVEDO, 1985 p. 130 e 115).

Como já se discutiu algures (ALVES & RODRIGUES, 2020), este tipo de percepção da trajetória de Rachel de Queiroz encontra-se bastante difundida entre biógrafos e especialistas. Sua versão mais famosa talvez seja aquela que trata da origem d' *O Quinze*. Nela se conta que a obra fora concebida às escondidas da mãe que, por conta de uma tuberculose adquirida pela jovem autora no momento da pesquisa de campo (um hábito bastante comum entre os escritores do momento), proibia a menina de ficar noite adentro consultando livros e rabiscando versões (ACIOLI, 2003 p. 54-55).

Essa visão contrasta com a que vem sendo apresentada por trabalhos historiográficos recentes, sejam seus objetivos de cunho abrangente, estabelecidos em torno do modernismo cearense (NOBRE, 2018 p. 83-93), ou especificamente voltados para a trajetória intelectual de Rachel de Queiroz (GUERRELUS, 2011). De modo geral, essas pesquisas têm alertado para o fato de que a ideia de um isolamento da jovem autora, mais do que um fato incontestável, faz parte da malha de suas narrativas de si, compondo antes, objeto de questionamento e problemática.

Em suma, não se trata de renegar totalmente as leituras que apontam o realismo de Rachel de Queiroz, ou que advogam certa 'secura' em sua escrita, visto que elas, de fato, se encontram ancoradas em passagens documentais. Contudo, é preciso desvencilhar essas perspectivas em torno das narrativas rachelianas, de uma memória construída a partir da figura da escritora visto que tendem a reforçar modelos de interpretação simplistas. Além disso, cabe também salientar que existem diversas estratégias de contação ativas em seus livros, dentre elas, trechos marcados por um nível muito profundo de subjetividade.

O que leva ao segundo tópico de revisão sugerido por Bueno: o ponto de vista do narrador. A despeito do que geralmente se imagina, nem sempre essa subjetividade presente n' *O Quinze* se dá a partir dos tipos proletários, dos oprimidos, ou dos flagelados atingidos pela estiagem. Na realidade, Rachel de Queiroz preza, quase sempre, pela visão 'de fora', visto que os valores do narrador geralmente estão em afinidade com o fundo ideológico dos personagens advindos da elite. Muitas vezes se trata de uma elite que se pretende mais 'humana', mais comovida com as dificuldades dos desvalidos, mas ainda intimamente marcada pelo racismo,

pelo machismo, por uma espécie de romantismo bucólico e por preconceitos econômicos e sociais gritantes.

Curiosamente, embora tais escolhas estéticas pareçam andar na contramão dos imperativos característicos aos escritores dos anos 1930, ele não implica necessariamente, em um abandono da busca pela percepção do 'outro'. Pelo contrário, os recursos empregados pela autora parecem sempre visar os excluídos, os iletrados e aqueles que, de maneira geral, não encontram formas de se expressar literariamente. Provavelmente é daí que decorre o sentimento de frustração que permeia seus escritos, pois, em meio a esse jogo, demarcações simplistas como 'dentro' e 'fora', 'eu' e o 'outro', tem seus limites e idealizações escancarados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em certa medida é possível argumentar que a escritora Rachel de Queiroz se vincula a uma tradição de romancistas cearenses cujos trabalhos são caracterizados pela presença de personagens advindos da elite latifundiária que, quando expostos à estiagem, se mostram “homens bons e íntegros, cristãos e caridosos, portadores de um saber letrado, mas, também profundamente identificados com o saber camponês” (BARBOSA, 2000 p. 164). Essa é uma leitura recorrente d’*O Quinze* e, de fato, suas bases fomentaram certa visão limitada da região nordeste que ainda hoje se encontra ativa.

Não obstante, isto é bastante diferente de afirmar que as relações de poder narradas no romance ignoram as desigualdades sociais. Os lados envolvidos estão inclusive, bastante cientes de suas diferenças, as quais não são apenas de ordem econômica, mas transpassam as noções de masculino e feminino; letrado e iletrado; branco e negro; pobre e rico etc. Ademais, os personagens do livro são bem mais complexos do que permite o estereótipo de tipo regional, suas motivações perpassam diversos eixos e mantêm afinidades com outros seres nativos de espacialidades e classes sociais distintas. Por fim, o ponto de vista a partir do qual se conta a história está sempre subjetivado, sua percepção se dá, não por meio de uma base onisciente que tudo vê, mas a partir de preconceitos de classe, gênero e raça.

Nesse sentido, parece pertinente entender que a elaboração da espacialidade nordestina transpassa eixos, projetos e temporalidades diferentes cujas conexões não necessariamente têm de estar articuladas aos dilemas regionalistas dos anos 1930. Assim, ainda que os manifestos de Gilberto Freyre constituam marcos significativos, a invenção do nordeste certamente articulou formas de imaginar o Brasil que estavam em atividade pelo menos desde o século XIX. Além disso, outras questões se sobrepunham à caracterização da realidade espacial: escrever 'para e pelo outro', figurações negativas do intelectual, a polarização existente entre os 'intimistas' e os 'sociais' etc.

No fim, o Nordeste persiste tão fugidio quanto nas canções de Belchior. Tanto cá, como lá, os projetos, ambições e visões em torno da experiência nordestina, assim como a estética racheliana, quebram radicalmente as expectativas produzidas. Tais frustrações levaram a ampliar o foco da análise para além das relações conjugais, possibilitando a emergência de uma plêiade de sujeitos inquietos quanto ao seu lugar no mundo. Nesse contexto, em que não há casamento entre os opostos, em que não há conciliação entre essas coisas de amor e de dinheiro, nenhuma resposta poderia ser definitiva.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Socorro. **Rachel de Queiroz**. 1ª edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- ALVES, P. D. S. & RODRIGUES, B. Viver, Sentir, Esquecer: Apostasia na trajetória de Rachel de Queiroz. In: **Fronteiras - Revista de História**. vol. 22, nº 40, p. 11-29, jul/dez 2020.
- AZEVEDO, S. Rachel de Queiroz e o Romance da Seca. In: AZEVEDO, Sânzio de (Org.). **Dez ensaios de literatura cearense**. Fortaleza/CE: Edições UFC, 1985.
- BARBOSA, I. C. **Sertão: um lugar incomum**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza/Ce: SECRETARIA DA CULTURA E DO DESPORTO DO ESTADO, 2000.
- BARBOSA, M. L. D. L. **Protagonistas de Rachel de Queiroz: caminhos e descaminhos**. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- BARROS, J. D. B. **História, Espaço, Geografia: Diálogos interdisciplinares**. 1ª edição. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.
- BOSI, A. Uma caixa de surpresas: notas sobre a volta do romance de 30. In: **TERESA (USP)**, São Paulo, v. 16, p. 15-20, 2015.
- CAMARGO, L. G. B. Romance proletário em Rachel de Queiroz ou vendo o lado de fora pelo lado de dentro. In: **Letras**, Curitiba, n. 47, p. 19-38, 1997. Editora UFPR.
- CAMARGO, L. G. B. Os três tempos do Romance de 30. In: **TERESA (USP)**, São Paulo, v3, p. 254-283, 2003.
- CAMARGO, L. G. B. **Uma história do romance de 30**. 1ª edição. Campinas: Editora da Edusp/Editora Unicamp, 2006.
- CAMARGO, L. G. B. Ficção de 1930. In: WERKEMA, Andrea Sirihal. Et. al. **Literatura Brasileira 1930**. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- CHIAPPINI, L. Rachel de Queiroz: a invenção do nordeste e muito mais. In: CHIAPPINI, L. & BRESCIANI, M. S. (Orgs.) **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo, Editora Cortez, 2002.
- DUARTE, E. A. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- GUERELLUS, Natália de Santanna. **Regra e Exceção: Rachel de Queiroz e o Campo Literário dos anos 1930**. Rio de Janeiro: Editora 7letras, 2013.
- GUERRELUS, Natália de Santanna. **Como um Castelo de cartas: Culturas políticas brasileiras e**

trajetória de Rachel de Queiroz. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói. 2015.

GUERRELUS, Natália de Santanna. “A velha devorou a moça?”: Rachel de Queiroz de 1910 a 1964. In: **Faces de Clio**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.4, jul/dez 2016a, p. 60-80.

GUERELLUS, Natália de Santanna. Rachel de Queiroz política: uma escrita entre direitas e esquerdas no Brasil (1910-1964). In: **Caderno espaço Feminino**, Uberlândia, v. 29, n. 1, jan/jun 2016b, p. 211-236.

MARQUES, I. Herói fracassado: Mário de Andrade e a representação do intelectual no Romance de 30. In: **TERESA (USP)**, São Paulo, v. 16, p. 55-74, 2015.

MARTINEZ, A. T. Intelectuales de provincia: entre lo local y lo periférico. In: **Prismas - Revista de história intelectual**, nº 17, 2013.

NOBRE, Thiago da S. **A Tribu de Antropofagia**: práticas letradas, cotidiano e modernismo(s) em Fortaleza (1920-1931). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2018.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: Entre o povo e a nação. 1ª edição. São Paulo: Ática, 1990.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1931.

SOMMER, Doris. **Ficções de Fundação**: Os romances nacionais da América Latina. 1ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

WALTY, I. L. C. Graciliano e Portinari. Intelectuais em trânsito In: CHIAPPINI, L. & BRESCIANI, M. S. **Literatura e Cultura no Brasil**: identidades e fronteiras. 1ª edição. São Paulo: Cortez, 2002

Submetido em: julho de 2021

Aprovado em: setembro de 2021